

ONG OU RELIGIÃO? O CASO DA SOKA GAKKAI NO BRASIL

*Suzana R. C. Bornholdt
University of Lancaster*

Resumo: Este *paper* é baseado em um estudo de caso realizado no Sul do Brasil com a *Soka Gakkai Internacional* ('Sociedade de Criação de Valores' ou também SGI), um movimento budista leigo fundado no Japão em 1930 e que possui atualmente mais de 12 milhões de membros espalhados por mais de 190 países. Este artigo visa discutir os diferentes modos como a 'Brasil Soka Gakkai Internacional' (BSGI) desenvolve estratégias de inserção no campo religioso brasileiro, elaborando especialmente uma imagem pública de Organização Não-Governamental (ONG) e não a de um grupo religioso. O modo contraditório como a BSGI utiliza a imagem e também a prática de ONG responde a necessidades específicas do próprio grupo: o recrutamento e manutenção dos membros. O artigo sugere que a inserção deste grupo religioso específico no terceiro setor gera mais complexidades além de simplesmente suprir lacunas deixadas pelo Estado. Este artigo visa discutir as ambigüidades de um grupo que responde às necessidades de um país imerso em imensas desigualdades sociais mas que, ao mesmo tempo, se utiliza deste processo como uma eficiente estratégia de marketing e um plano de ação para recrutar novos membros.

Palavras-chave: Soka Gakkai Internacional; ONG; missões religiosas; Brasil.

Abstract: This paper is based on a case study done in the Southern part of Brazil on *Soka Gakkai International* ('International Value-Creation Society', also SGI), a lay Buddhist movement founded in Japan in 1930, which now has over 12 million members in 190 countries. With an analysis based on anthropological fieldwork, this essay aims to understand how the 'Brazil Soka Gakkai International Association' (BSGI), creates innovative strategies of insertion into a specific religious field, presenting themselves in Brazil as an NGO and not as a religious group. The contradictory way in which BSGI uses the image and practice of an NGO responds to their own need: the recruitment and maintenance of members. I suggest that the insertion of this specific religious group in the third sector may bear more complexities than simply supplying services or resources to fill a gap left by the State. This article will show the ambiguities of a group that answers to the necessities of a country laid in immense social inequalities but which, at the same time, uses this process as a marketing strategy and a plan of action to recruit new members.

Key-words: Soka Gakkai International; NGO; religious mission; Brazil.

Introdução

Este *paper*, resultado parcial de uma pesquisa de campo antropológica realizada prioritariamente no sul do Brasil, oferece uma perspectiva que busca o entendimento do modo como a *Soka Gakkai* cria inovadoras estratégias de interpretação e acomodação em um campo religioso específico, se apresentando para o Brasil como uma ONG e não como um grupo religioso. O modo como a BSGI (Brasil Soka Gakkai Internacional) se utiliza da imagem e da prática de ONG responde a necessidades específicas do próprio grupo de recrutamento e o manutenção de seus membros. Este artigo visa mostrar a dualidade de um grupo que responde às necessidades de um país imerso em imensas desigualdades sociais mas que, ao mesmo tempo, se utiliza deste processo como uma eficiente estratégia de marketing e um plano de ação para recrutar novos membros.

Budismo e a Soka Gakkai no Brasil

A Soka Gakkai é uma organização budista leiga que foi fundada no Japão e que hoje é considerada um dos movimentos religiosos japoneses mais bem sucedidos no país (Clarke, 2000, p. 326). O grupo iniciou suas atividades em 1937 como uma associação leiga de *Nichiren Shosbu*, uma das muitas denominações que remetem suas origens a Nitiren (1222-1282). Apesar do budismo de Nichiren ser datado do século treze, a Soka Gakkai é um grupo religioso contemporâneo. Tsunesaburo Makiguti (1871-1944) fundou a organização em 1930 como parte de um movimento de reforma do sistema educacional japonês. Depois da segunda Guerra Josei Toda, que era discípulo de Makiguti e segundo presidente da organização, reconstruiu o grupo. Toda iniciou um intenso esforço para disseminar os ensinamentos de Nitiren Daishonin para a população leiga, mas foi através de Daisaku Ikeda (1928-) que o movimento continuou a expandir. Ikeda sucedeu Josei Toda em 1960 como o terceiro presidente da Soka Gakkai e desde então tem se dedicado à expansão do grupo, através de viagens internacionais para estimular os membros espalhados por diversos países, e também através de aparições públicas com políticos, artistas e celebridades.

O primeiro distrito da Soka Gakkai estabelecido fora do Japão foi inaugurado na cidade de São Paulo em outubro de 1960. Nesta época, a associação contava com menos de 150 membros, todos de origem japone-

sa. Apesar deste início tímido, a BSGI ao longo dos anos se transformou em um grupo budista com filiais em quase todas as regiões brasileiras. De acordo com informações cedidas em maio de 2006 pela sede nacional da Soka Gakkai em São Paulo, há hoje no Brasil aproximadamente 160.000 membros. Vale ressaltar que 90% dos membros hoje não possuem ascendência japonesa.

No Brasil, a história do budismo é particularmente relacionada à história da imigração japonesa. Com a chegada dos primeiros imigrantes em 1908 chegou também o budismo. Clarke (2000, p. 197) nota que, apesar da presença do budismo no Brasil datar o início dos anos 20, somente em 1960 é que diferentes novos movimentos religiosos ultrapassaram as fronteiras das comunidades de imigrantes japoneses. E foi somente em 1980, com a imigração de grupos chineses e tibetanos, que o número de diferentes grupos budistas aumentou consideravelmente na sociedade brasileira.

O resultado disto é que o budismo no Brasil hoje é representado por um amplo e variado número de grupos (Shoji, 2004), e a Soka Gakkai tem competido e dedicado esforços para se manter no mesmo mercado religioso - não apenas com outros grupos budistas, mas também com protestantes, católicos, espíritas e grupo afro-brasileiros. Apesar da Gakkai não ser considerada um grupo religioso numericamente significativa no Brasil, tem chamado a atenção por diferentes razões. A principal delas que eu destaco reside no fato de que a BSGI tem apresentado um acelerado avanço nas últimas décadas, mesmo em regiões do Brasil onde o contexto sócio-histórico não inclui uma expressiva imigração japonesa. Tendo este fato em mente, eu busco aqui analisar a atual situação da Soka Gakkai - tanto em termos de políticas desenvolvidas e aplicadas pelo grupo quanto a atração de novos membros e seu estabelecimento dentro do cenário religioso brasileiro.

A Gakkai, o Brasil e o Mundo

Especialmente sob a liderança de Daisaku Ikeda, a Soka Gakkai tem dedicado esforços para relacionar sua imagem à de uma organização comprometida com causas sociais. Em 1963, o movimento foi legalmente reconhecido nos Estados Unidos como uma organização não-governamental. Em 1975 foi fundada a SGI (Soka Gakkai Internacional) também sob a liderança de Daisaku Ikeda, que passou a se dedicar exclusivamente para

a organização internacional. A SGI foi registrada como uma organização não-governamental junto ao comitê de Refugiados das Nações Unidas e também junto ao Departamento de Informação Pública, ambos em 1981. Já em 1983 foi registrado junto ao conselho econômico e social das Nações Unidas. Dobbelaere (1998, p.08) nota que além dessas estratégias, a SGI passou a promover encontros entre Daisaku Ikeda com políticos, cientistas e artistas, tendo sempre como tema dos encontros discussões para solucionar os problemas sociais no mundo.

A Soka Gakkai utiliza diferentes estratégias em diferentes países, e seu esforço de legitimação e divulgação se dá de acordo com características específicas de cada lugar. Na França, por exemplo, a SGI criou o Museu Vitor Hugo em 1991. Nos Estados Unidos, a Universidade Soka inaugurou sua unidade em Los Angeles em 1987, e já em 1993 fundou o “Boston Research Centre for the 21st Century”. No Brasil, assim como em outras filiais espalhadas pelo mundo, a Soka Gakkai desenvolve a imagem de uma organização comprometida com a paz, cultura e educação baseada no budismo. Porém, apesar de uma tendência mais ou menos homogênea e semelhante em outros países, a SGI no Brasil se desenvolveu seguindo muitos aspectos e tendências da política nacional, como veremos a seguir. É necessário ressaltar, porém, que mesmo se utilizando de determinados mecanismos em prol do proselitismo, a Soka Gakkai Internacional é um ramo budista que surgiu da corrente *mahayana* – linha caracterizada especialmente por uma ética altruísta – e que também de certo modo influencia as práticas do grupo¹.

O acelerado crescimento da filial brasileira da Soka Gakkai chamou a atenção de Daisaku Ikeda, resultando na sua visita ao país em 1960 e de novo em 1966 (Revista Terceira Civilização, n. 446, p.16). Apesar de toda a preparação para recebê-lo novamente em 1974, a ditadura militar que o país vivenciou nas décadas de 60 e 70 gerou restrições que refletiram diretamente nos grupos religiosos e/ou outros movimentos de qualquer natureza que envolvesse a reunião de um grande número de pessoas. Como resultado destas políticas, Ikeda não foi autorizado a entrar no país e teve seu visto negado em 1974. Este imprevisto acabou por gerar na BSGI a decisão e a necessidade de reavaliar o modo como a organização estava sendo apresentada para o contexto brasileiro. Até então, todos os esforços eram voltados para a comunidade japonesa e para os imigrantes estabelecidos no país. Após a negação do visto de Daisaku Ikeda, a Soka Gakkai no Brasil passou a investir na otimização de sua imagem para o público mais

amplo, promovendo largamente seus ideais dentro de diferentes esferas da sociedade brasileira.

A estratégia estabelecida pela Soka Gakkai para promoção de suas atividades foi, de certo modo, uma resposta à situação político-financeira que o país experimentava na época. A liberalização política e o declínio da economia mundial contribuíram para o crescimento dos problemas tanto econômicos quanto sociais do Brasil no início dos anos 80. A crise econômica, que na época alcançava um índice de 239% de inflação anual em 1983, levou à mobilização da classe trabalhadora. Entre 1978 e 1980, diversas greves no setor industrial atingiram o país nas principais cidades. Diante de tantos problemas e do aumento da pobreza nas grandes cidades, e também como uma resposta à realidade local, a BSGI criou no início dos anos 80 o departamento educacional. Em paralelo a este cenário, com a ECO 92 e o início de uma preocupação mundial sobre questões relacionadas à ecologia, a Soka Gakkai fundou o Centro de Pesquisas Ecológicas da Amazônia – CEPEAM, na cidade de Manaus. Ambos os projetos – Departamento Educacional e CEPEAM – podem ser considerados como as duas principais estratégias de divulgação das ações da Soka Gakkai no Brasil e também mundialmente (Pereira, 2001). Ao mesmo tempo em que servem como ferramenta de promoção no cenário internacional, estes programas sociais são também peça importante na divulgação das atividades dentro do país e também de atração de possíveis novos membros.

Ação Social: uma breve história de sucesso no Brasil

O conceito de organizações não lucrativas tem ganhado cada vez mais visibilidade no Brasil. A presença dessas organizações tem levantado discussões sobre a redefinição do papel do Estado, democracia, pluralismo e identidades, gerando importantes possibilidades na redefinição das fronteiras entre a esfera pública e privada. Estes debates refletem não somente diferentes linhas de pensamento no discurso contemporâneo político e sociológico (Landim, 1997), mas também a diversidade entre as chamadas organizações não-governamentais. Para entender as razões pela qual levaram a Soka Gakkai a escolher uma imagem externa específica, é necessário conhecer a história destas organizações, bem como o modo como ganharam destaque positivo e tamanha legitimidade perante a sociedade brasileira.

A história das associações voluntárias no Brasil está relacionada às

origens coloniais do estado brasileiro. O sistema de clientelismo (baseado nas regras da dependência patriarcal) não proveu solo fértil para o desenvolvimento de associações voluntárias autônomas, como as que surgiram, por exemplo, na América do Norte (Landim, 1997). Considerando que um dos pilares da colonização portuguesa era o relacionamento próximo entre o governo colonial e a Igreja Católica, o clero exercia papel fundamental na organização da sociedade civil. Um vínculo que durou quatro séculos, até a Proclamação da República em 1889, o catolicismo era o religião oficial do Estado; era indispensável ser católico para o exercício da cidadania. A Igreja atuava como registro civil, na criação de escolas, no provimento de assistência médica e social e exercia também papel mediador importante na resolução de conflitos (Landim, 1997; Ribeiro de Oliveria, 1985). Na prática, todo o trabalho social era exercido pela Igreja e sob o poder do Estado.

No final do século 19, associações voluntárias religiosas e seculares ganharam considerável destaque no Brasil. Como consequência da imigração massiva de trabalhadores rurais e industriais vindos principalmente da Europa e Japão, associações de suporte mútuo se multiplicaram, ajudando financeiramente os membros e suas famílias em casos de doença, desemprego ou morte. Apesar do domínio do Estado referente à vida pública, o setor não-lucrativo privado era ativo.

Apesar de um grande numero de associações civis surgir no início do século 20 (a partir da década de 30), a grande maioria foi reprimida pelo regime autoritário instalado no país em 1937. Com o fim da ditadura militar no final dos anos 70, dois processos simultâneos trouxeram profundas mudanças para as organizações brasileiras que trabalhavam em causas sociais. A primeira delas foi a secularização e uma subsequente perda de influência da Igreja Católica. Mesmo as organizações que se mantiveram ativas durante o período militar passaram a não mais enfatizar suas raízes religiosas, enquanto que outras iniciativas surgiram já independentes de qualquer vínculo religioso. O segundo processo foi o fortalecimento de iniciativas populares de organizações autônomas, o que muitos chamam de emancipação dos movimentos sociais brasileiros. Ao romper os laços com a Igreja Católica, esses grupos passaram a criar novos conceitos de organização social.

Quanto mais as organizações se tornaram seculares, mais elas embarcaram em um processo de institucionalização e profissionalização. Os temas de ação escolhidos por estes movimentos sociais mais recentes são variados – crianças, mulheres, negros, AIDS, meninos de rua – demons-

trando o comprometimento organizacional e a grande aceitação das ONGs por parte da sociedade civil.

BSGI: Contexto brasileiro e Ação Social

O início dos anos 90 foi um marco para a elaboração do modo de conduta da BSGI. Parte do processo de legitimação da Soka Gakkai no Brasil se consistiu em um esforço em ser aceito e reconhecido e isso se deu através de uma bem projetada e deliberada estratégia para conquistar tanto os espaços públicos (externamente) quanto a participação de membros (internamente).

A pesquisa de campo etnográfica - realizada especialmente no Rio Grande do Sul, mas também nas sedes da Soka Gakkai em São Paulo e Manaus – me permitiu acessar de modo mais próximo os membros locais. Neste artigo apresento dados parciais que são resultado dos onze meses de minha pesquisa de doutorado, onde tive a oportunidade de realizar entrevistas, ler o material produzido pela organização, visitar os membros nas suas casas, viajar pelo país e conhecer outras sedes da BSGI. Essa aproximação permitiu-me conhecer melhor as duas “faces” que a Soka Gakkai busca criar no Brasil.

O tempo que passei no Rio Grande do Sul foi decisivo para conhecer o aspecto religioso. Mas foi durante minhas pesquisas na sede nacional em São Paulo e no Centro de Pesquisas Ecológicas da Amazônia (CEPEAM) em Manaus é que então comecei a entender como o grupo elabora uma imagem mais secular no Brasil. Neste sentido, é possível afirmar que a BSGI desenvolve um discurso dual. Externamente a ênfase não está na prática religiosa, mas em atividades identificadas com o mundo secular, destacando a efetividade enquanto ONG e visando criar uma imagem positiva na esfera pública. Internamente, a organização permanece interessada na doutrina e na prática dos membros. Enquanto que o discurso religioso pertence ao âmbito dos membros, a face secular da BSGI enquanto ONG é mais proeminente externamente. Esta perspectiva dual é também compartilhada por Pereira (2001), que pesquisou o grupo no final dos anos 90 no Distrito Federal e que reforça o argumento aqui sugerido a respeito desta dualidade do grupo. Como o objetivo deste artigo é discutir o aspecto social desenvolvido pela Gakkai no Brasil, eu vou colocar em segundo plano a apresentação dos elementos relacionados ao aspecto religioso do grupo no país. Minha intenção

é focar na atividade social e engajamento da Soka Gakkai no Brasil, e que é desenvolvida principalmente nos estados de São Paulo e Manaus.

O país que inclui a maior parte da floresta amazônica e que recebeu a conferência mundial em questões ambientais, a ECO 92, é o mesmo país escolhido pela Soka Gakkai para a construção do CEPEAM. O CEPEAM foi criado na cidade de Manaus, no estado do Amazonas, e representa um setor do Departamento Educacional da BSGI. Outra conquista da Soka Gakkai no Brasil e que constitui uma das mais importantes ações do grupo no país está relacionada à educação. O departamento educacional da Soka Gakkai, conceitualizado e criado pela BSGI, tem investido em dois principais projetos: o projeto Makituti em Ação e o Núcleo de alfabetização. O Brasil é um dos poucos países onde a filosofia de Makuguti é aplicada em larga escala. O Departamento Educacional desenvolve: a) um projeto de alfabetização em 40 horas para jovens e adultos, b) o projeto Makiguti em Ação (um trabalho voluntário para revitalizar o ensino em escolas públicas utilizando as teorias educacionais desenvolvidas por Makiguti) e c) o DEPEDUC (Departamento de Pesquisas para a Ciência da Educação). Ambos os projetos, CEPEAM e o Departamento Educacional, são considerados as duas estratégias de divulgação mais eficientes da Soka Gakkai no Brasil hoje. Uma estratégia de marketing que ao mesmo tempo em que promove a Gakkai dentro do cenário mundial, também promove a instituição para atrair possíveis novos membros no Brasil.

Nos próximos parágrafos, apresentarei as ações sociais da BSGI em diferentes áreas dentro do Brasil. Por uma questão de espaço, as atividades do grupo serão brevemente descritas, ressaltando os principais propósitos alcançados através do engajamento social e o modo como eles se inserem neste campo específico.

Departamento Educacional

Projeto Makiguti em Ação

O projeto Makiguti em Ação é inspirado nos princípios que estão no livro “Pedagogia do sistema da criação de valores”, um trabalho publicado em 1930 por Tsunessaburo Makiguti, o presidente fundador da Soka Gakkai. Os participantes do projeto são educadores voluntários que dedicam tempo sem remuneração financeira. De acordo com a BSGI, mais de 500 voluntários participaram do departamento educacional ao longo dos anos.

Em 1996 foi criada a lei brasileira número 9394 chamada “Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional”, estabelecida com o propósito de desenvolver componentes relevantes para uma educação de qualidade. Com os parâmetros curriculares nacionais, o governo passou a estimular escolas e instituições educacionais a formularem projetos próprios. Em um país onde a responsabilidade pela educação básica e outras iniciativas recaem sobre os ombros dos professores, o Departamento Educacional da BSGI encontrou um nicho e uma chance proveitosa de apresentar aos professores das escolas novas didáticas e técnicas para alcançar os objetivos desejados pelas próprias escolas. Baseados nesta demanda, o Departamento Educacional da BSGI decidiu aplicar as teorias de Makiguti nas escolas onde já estavam envolvidas. A tradução para o português do livro de Makiguti chamado “teoria do sistema educacional de criação de valores”, publicado no Brasil em agosto de 1994, foi um momento marcante para o grupo envolvido no Departamento Educacional da BSGI. Em setembro do mesmo ano, o projeto Makiguti em Ação foi lançado em uma escola pública no município de Caetano de Campos, São Paulo, envolvendo alunos do ensino médio.

Em 1995, uma subdivisão do Departamento Educacional chamado “pesquisas para a ciência da educação” desenvolveu um plano para o projeto Makiguti em Ação para adequá-lo às necessidades e ao sistema educacional do país. O grupo de pesquisa passou a fazer parte do Departamento Educacional da BSGI. Até maio de 2000, o projeto Makiguti em Ação já havia atingido 55 escolas municipais e estaduais em São Paulo e uma em Curitiba (E. P., comunicação pessoal, São Paulo, Junho de 2006).

Núcleo de alfabetização de adultos

Apesar de o Brasil ter demonstrado números positivos no setor econômico e industrial nos últimos 20 anos, é fato conhecido que o país ainda enfrenta altos índices de analfabetismo. Especialistas acreditam que a exclusão social é um dos resultados do analfabetismo (Foweraker, 2001), que é mais frequentemente identificado entre pessoas acima de 45 anos e residentes em áreas de pobreza urbana. Outro aspecto a ser considerado é que mais de um terço da população brasileira adulta é considerada pelo que os pedagogos chamam de analfabetos funcionais. Segundo o INAF² de 2007, 7% dos brasileiros são analfabetos e 21% têm habilidades funcionais rudimentares, ou seja, são capazes de localizar uma informação explícita em

textos curtos, mas não conseguem compreender textos, tirar conclusões ou ler números na casa dos milhões.

Foi inspirado nesta realidade que o departamento de alfabetização de jovens e adultos foi criado. Após 5 anos de experimentação, de 1983 até 1987, este departamento foi criado como uma extensão do Departamento Educacional da BSGI. O programa consiste em um curso de 40 horas que equivale a uma série do ensino fundamental e médio, totalizando 160 horas. Inicialmente, o objetivo era ensinar jovens e adultos a ler e a escrever, visando apoiar os membros da BSGI que eram analfabetos, apoiando-os nos estudos de Nitiren e ns leituras dos textos produzidos pelo presidente Daisaku Ikeda (M. S., comunicação pessoal, São Paulo, Junho 2006). Na medida em que o programa expandiu-se, o grupo passou a oferecer os mesmos cursos para escolas públicas.

Cada módulo de 40 horas do curso é organizado em encontros semanais, e os estudantes que completam todas as lições estão aptos a receberem o certificado de conclusão do ensino fundamental. Os profissionais engajados no projeto – professores, monitores e assistentes – são todos voluntários e membros da BSGI. De acordo com informações da BSGI (sede nacional da BSGI, São Paulo, Maio de 2006), no período entre agosto de 1987 e o primeiro semestre de 2000, cerca de 884 estudantes completaram seus estudos e já estavam qualificados para obter o título equivalente.

Grupo de Apoio

Em 1994, um grupo de psicólogos participantes do Departamento Educacional da BSGI passou a atuar no projeto Makiguti em Ação, oferecendo palestras para pais e professores nas escolas onde a Gakkai executava seus projetos. Em 1998, o grupo passou a se chamar “Núcleo de pesquisas psicopedagógicas” e passou a expandir seus objetivos para pesquisas no campo de ensino e aprendizagem. Após um período, o grupo passou a chamar DEPEDUC - Departamento de Pesquisas e Desenvolvimento das Ciências da Educação. Sua função é apoiar tanto as atividades do projeto Makiguti em Ação quando o projeto de alfabetização, provendo pesquisas e suporte teórico no campo pedagógico, material suplementar, sugestões, cursos, palestras, workshops e, mais importante, oferecer ao Departamento Educacional da BSGI uma face mais científica.

CEPEAM (Centro de Pesquisas Ecológicas da Amazônia)

A relevância e o impacto da floresta amazônica no cenário político mundial é um dos principais argumentos utilizados pela Soka Gakkai na concepção e criação do CEPEAM. A conferência especial das Nações Unidas sobre Meio ambiente – a ECO 92 realizada no Rio de Janeiro – foi o principal evento utilizado pela Gakkai para enfatizar a necessidade de uma coexistência harmoniosa entre o Homem e o mundo natural. Inspirados em um artigo redigido por Daisaku Ikeda chamado “uma nova estratégia para a proteção ambiental” fez com que a BSGI oficialmente criasse em 1992 as atividades do que logo passaram a chamar de CEPEAM. O centro tem 52,6 hectares e está localizado nos arredores de Manaus em um ponto turisticamente privilegiado onde é possível observar o “encontro das águas” entre os Rios Negro e Solimões. A confluência destes dois rios resulta na formação do Rio Amazonas, um dos maiores rios do mundo. A localização privilegiada e a moderna estrutura do CEPEAM indicam o elevado investimento da Soka Gakkai neste projeto.

Em novembro de 1993 a BSGI, o Centro Ecológico da Universidade Soka no Japão e a hoje já extinta SEMATEC (Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Ciência e Tecnologia da Amazônia) assinaram um acordo para a criação de um centro de pesquisas ecológicas dentro espaço adquirido pela Soka Gakkai. Entre os principais objetivos do projeto, estão a criação de um banco de sementes para reflorestamento, o desenvolvimento de projetos educacionais de reflorestamento e ecologia e como um refúgio para animais silvestres.

Em junho de 1994, após a inauguração da sede administrativa local, o CEPEAM iniciou suas atividades de reflorestamento nos arredores da propriedade. Em 1996, baseado no mesmo projeto de plantação e transplantação, o CEPEAM implementou um projeto similar no município de Novo Aripuanã, uma pequena cidade situada a 300 km de Manaus e com altos índices de pobreza. De acordo com os líderes do CEPEAM, espera-se que o processo de plantação de árvores gere valor econômico ao mesmo que ajude o meio ambiente. O projeto de revitalizar a floresta focaliza não somente na sua conservação, mas serve também como um experimento que visa “promover o desenvolvimento que seja economicamente viável e que contribua para a qualidade de vida das pessoas locais”, como informou um dos líderes locais em uma entrevista na sede em Manaus.

No início de 1997 o CEPEAM passou a ser administrado exclusivamente pela BSGI, recebendo deste modo total autonomia da Soka Gakkai Internacional para criar sua própria estrutura e ações, trabalhando e se envolvendo mais com as comunidades locais. Em 2001 o CEPEAM iniciou a construção do prédio e as instalações do laboratório chamado Daisaku Ikeda. No mesmo ano o CEPEAM abriu o lugar para visitas, e através de uma parceria com o governo local em um projeto chamado “Escola ecológica itinerante” o CEPEAM passou a receber a visita de alunos de colégios públicos da região.

Soka Gakkai hoje: Ambiguidades e desafios

Uma vez que nos familiarizamos com o contexto sociopolítico brasileiro passamos a entender com mais clareza as razões pela qual a BSGI escolheu um determinado perfil. O resultado da ampla repercussão da ECO 92 – não somente no Brasil, mas também internacionalmente – e o fortalecimento moral e político das ONGs tiveram um papel decisivo não apenas no cenário político brasileiro nos anos 90, mas também no modo como a Soka Gakkai utilizou este fato como força propulsora na atividade de divulgação.

Considerando que é política da SGI investir em frentes de divulgação específicas para cada país onde estão estabelecidos, a Soka Gakkai no Brasil optou por associar a sua imagem à de uma organização menos religiosa e mais secular, investindo na relação entre budismo e ONG, aproveitando deste modo a legitimidade e alta aceitação da sociedade brasileira para com o terceiro setor. A autodefinição na página oficial do grupo exemplifica esta relação:

A Soka Gakkai Internacional (SGI) é uma associação que visa à promoção de valores como a paz e o respeito humano. No âmago do movimento da Soka Gakkai encontra-se o ideal da educação pela cidadania global. Por meio de uma ampla variedade de atividades, a SGI tem por meta a conscientização das responsabilidades para com a sociedade, com o meio ambiente e com o futuro do Planeta. Trata-se de educação no sentido mais amplo da palavra e não se limita às salas nem a um grupo em particular. (<<http://www.bsgi.org.br/cgi.htm>>, acessado em 21 de agosto de 2009).

Qualquer pessoa que navegue pelo site do grupo na Internet não é

capaz de associar imediatamente a BSGI a um grupo religioso; a ênfase está prioritariamente no fato de se tratar de uma ONG dedicada à promoção da paz, cultura e educação.

Vale mencionar que, assim como outros grupos religiosos, o termo escolhido como autodefinição da BSGI difere de seus status legal no país. A Soka Gakkai no Brasil é, em termos jurídicos, uma instituição religiosa civil que se apresenta para a comunidade brasileira enquanto ONG com princípios budistas. Quando questionado sobre essa ambígua relação entre ONG *versus* religião, um dos líderes comentou:

Na verdade, se colocarmos abertamente, podemos dizer que o que é de fato ONG é a SGI, que é afiliada à ONU desde 1975. Então, a SGI dá uma “corona” pra BSGI. É uma estratégia de marketing pra gente. A BSGI desenvolve trabalhos baseados nos mesmos princípios da SGI. É por isso que a gente diz que é uma ONG. Mas no aspecto jurídico nós somos uma entidade religiosa mesmo. (C.O.S., comunicação pessoal, Maio de 2006, Manaus)

Apesar de a Soka Gakkai promover diversos projetos sociais, o desequilíbrio entre o pequeno número de pessoas que são efetivamente beneficiadas por estes projetos e o grande investimento da Soka Gakkai no Brasil foi um aspecto que chamou minha atenção durante o trabalho de campo. Apesar da importância do grupo nas vidas de muitos dos membros e de seu alcance em números absolutos³, os resultados dos projetos educacionais da Soka Gakkai no Brasil, por exemplo, são inexpressivos se considerarmos o contexto na qual está inserido – São Paulo, a maior cidade da América do Sul e com mais de 10 milhões de habitantes. Mais interessante ainda é que, durante uma entrevista na sede nacional da organização, em São Paulo, descobri entre os meus informantes que o projeto de alfabetização de adultos, conhecido internacionalmente como um dos projetos sociais mais relevantes da BSGI, alcança basicamente os próprios membros da Soka Gakkai.

O contexto social e histórico do Brasil explica não somente as razões pela qual a Gakkai optou pela elaboração de uma imagem vinculada à ONG, mas também nos ajuda a entender as razões que motivaram a criação do Projeto Educacional que descrevi no tópico anterior. A negação do visto de Daisaku Ikeda para entrar no país no final dos anos 70 associado ao contexto pós-ditadura militar no início dos anos 80 fez com que a BSGI passasse a adotar uma política clara de modificar não somente a imagem pública da organização no país, mas também de ampliar o público alvo.

E de acordo com publicação da própria BSGI, “incluindo não apenas os descendentes de imigração japonesa, mas a sociedade brasileira como um todo” (Terceira Civilização, n.458, p.13). A partir do momento em que a BSGI abriu suas portas para a inclusão de brasileiros, a organização deparou-se com uma realidade que ainda não tinha vivenciado.

Por razões que não fazem parte desta discussão⁴, a Soka Gakkai foi muito bem sucedida na empreitada de atrair membros brasileiros, e a política de expansão nacional do grupo resultou em um grande número de novos adeptos. Mas o contexto vivenciado pelo país nesta fase (início dos anos 80) era de grande crise econômica e forte êxodo rural para grandes centros urbanos como São Paulo. Uma grande parcela das pessoas recém chegadas ao grupo pertencia à classe da população que refletia os problemas sociais enfrentados pelo país. O desafio, então, passou a ser não somente a elaboração de um discurso que fosse atrativo o suficiente para novos membros, mas também o manutenção destes novos membros na organização. Uma possível interpretação que explica as estratégias da Soka Gakkai no Brasil reside no fato de que, para serem bem sucedidos no processo de manter os membros brasileiros recém convertidos, era fundamental que estes membros soubessem ler. Através da leitura, o novo membro teria acesso ao material de apoio produzido pela Soka Gakkai bem como aos ensinamentos publicados pelo presidente Daisaku Ikeda, reconhecido pelo grupo como o mestre de vida. O estímulo constante e o envolvimento nesta estrutura de apoio, acreditavam os líderes, diminuiriam (Y. K., comunicação pessoal, Porto Alegre, Setembro de 2006) a probabilidade de membros recém convertidos desistirem da fé. Fica claro, desde modo, que os projetos educacionais da BSGI foram criados como uma necessidade interna da organização com o intuito de reter os membros recém convertidos.

Mas se os anos 80 foram marcados por recessão econômica no país, nos anos 90 vislumbrou-se o início de um otimismo e o desenvolvimento de um poder alternativo ao Estado. Este novo contexto trouxe a esperança de uma possível renovação (não somente financeira, mas também moral) para o país, embutindo na opinião pública brasileira a imagem de um “terceiro setor” carregado de credibilidade, seriedade e confiança. Esta nova tendência política foi positivamente utilizada como uma oportunidade de expandir as atividades públicas da Soka Gakkai. O novo período que o país vivenciava deu à organização a oportunidade de vincular sua imagem pública à de uma nova estrutura social de grande credibilidade. Foi neste contexto em que o CEPEAM foi criado.

Porém, assim como no caso dos Projetos Educacionais, o vão que se apresentou entre o alto investimento da Soka Gakkai Internacional na promoção das atividades do CEPEAM e o real benefício gerado para o país e seu meio ambiente foi uma surpresa. Durante a pesquisa de campo em 2006, tive a oportunidade de visitar as instalações do CEPEAM em Manaus. O prédio principal era relativamente pequeno, bem como o número de funcionários envolvidos nas atividades diárias do lugar. A pequena escala das atividades locais – e aqui me refiro ao número de pessoas que efetivamente é beneficiado pelos projetos da BSGI – não parece ser congruente com a massiva divulgação e importância dada ao projeto. É interessante notar que ao projetar as instalações do CEPEAM, os arquitetos da Soka Gakkai do Japão dedicaram a maior sala do prédio para a sala de projeções, utilizada para divulgação de vídeos institucionais. Este espaço, que é utilizado para atender exclusivamente visitantes e o público externo em geral, é consideravelmente maior que a sala de reuniões, onde os projetos do centro são discutidos e (mais importante) é, significativamente mais amplo que a área reservada ao laboratório de pesquisa. É interessante notar que o investimento da Soka Gakkai na promoção do centro de pesquisas na Amazônia é tão intenso e com uma estratégia de *marketing* tão efetiva que inclusive acaba por influenciar o modo como muitos acadêmicos especializados no assunto se referem ao projeto (como, por exemplo, em Seager, 2006, p. 192).

Dito isso, é necessário considerar o Projeto Educacional e o CEPEAM como projetos distintos e com diferentes propósitos. O Projeto Educacional, estabelecido em São Paulo, foi criado para atender um problema social específico. Ele visa ser não somente uma resposta social à profecia do Kossen-rufu – a paz de toda a humanidade através do budismo de Nítiren Daishonin – mas também uma resposta a um novo alvo institucional: potenciais novos membros. Quando a BSGI oferece aulas de alfabetização, ela inclui no mesmo “pacote” lições de como ler e pronunciar corretamente o mantra, ou também de como interpretar corretamente os ensinamentos publicados pela organização ou pelo líder Daisaku Ikeda. E é a partir deste momento que eles começam a envolver-se em uma nova rede de relacionamentos, parcialmente responsável por fortalecer a fé e manter a coesão do grupo. Já o CEPEAM surgiu como uma resposta política que visa reforçar a imagem que a SGI dissemina internacionalmente – de uma organização politicamente correta, de influência política e de consciência social. Ambos os projetos, apesar de suas diferenças internas, combinam-se no esforço em conquistar um espaço no mercado sociorreligioso brasileiro.

A ambiguidade da BSGI se reflete primordialmente no discurso da instituição, o qual cria uma dupla esfera de ação. Internamente, a Soka Gakkai no Brasil lida com os membros e com suas experiências religiosas - geralmente ex-cristãos que possuem um *background* religioso diferente e sem experiência em sua nova religião budista. É através da experiência religiosa que a Soka Gakkai desenvolve estratégias para o manutenção dos membros, usando elementos ligados à doutrina budista para envolvê-los numa rede específica de relacionamentos e de apoio mútuo. O discurso específico usado pelo grupo internamente e que envolve o aspecto religioso difere totalmente do discurso externo. Publicamente, a BSGI opta pelo uso de uma imagem mais secular, evitando qualquer abordagem religiosa e buscando criar a representação de um grupo comprometido com causas sociais. É o discurso externo que efetivamente produz uma imagem positiva para a sociedade brasileira e permite que eles encontrem uma maneira favorável para a expansão de suas idéias no país.

Afirmar a respeito desta ambiguidade é pertinente na medida em que a experiência religiosa do grupo não passa pelas noções de engajamento social, nem tampouco está vinculada à percepções de responsabilidades externas. A ênfase no aspecto religioso (de ação prática e cotidiana dos membros) não se relaciona com o discurso externo que a BSGI vincula à sua imagem pública. É ambíguo porque o discurso que é apresentado nacional e internacionalmente - de secularidade, engajamento e responsabilidade social - não condiz com as práticas religiosas cotidianas do grupo. O engajamento social da BSGI não passa pela fé e vice-versa.

Mas se a primeira ambiguidade da Soka Gakkai no Brasil está relacionada ao discurso dual elaborado pelo grupo, a segunda diz respeito à ação. É esta ação, fortemente relacionada ao comprometimento com causas sociais, que revela as tentativas da Soka Gakkai de se tornarem mais atrativos. Seu empenho na criação de projetos sociais pode ser considerado ambíguo no sentido de que, embora empenhem esforços em alcançar uma parcela específica e menos privilegiada da população brasileira através de suas atividades, eles também usam esta oportunidade como uma política eficaz de atrair e manter o maior número possível de membros.

As ambiguidades de ambas as situações - discurso e ação - residem no fato de que o engajamento social da Soka Gakkai não pode ser traduzido como um comprometimento exclusivo com causas sociais, nem como uma ação deliberada ou dissimulada para atrair mais membros. É necessário encarar essa realidade específica além de análises não-críticas

no que se refere a ONGs de base religiosa, atentando para a importância de discursos, práticas e crenças específicos do grupo quando colocadas em contexto. Com a mesma perspectiva em mente, é necessário considerar que as motivações do grupo não são baseadas meramente em razões práticas de expansão e visibilidade política. A Soka Gakkai lida diariamente com problemas trazidos pelos membros como analfabetismo, dívidas, problemas de saúde e até mesmo fome. A realidade das motivações da Gakkai é ambígua e engloba tanto uma estratégia racional para atrair mais membros bem como suas experiências religiosas.

Notas

* Antropóloga e estudante de PhD no departamento de Estudos da Religião da *University of Lancaster*, Inglaterra.

¹ A prática budista vinculada ao engajamento social não é exclusividade da Soka Gakkai. O budismo socialmente engajado tem surgido de modo expressivo no Ocidente, conforme nos revela literatura recente. Para mais, ver Queen (2000) e Keown, Prebish e Queen (2003).

² Fonte: <<http://www.acaoeducativa.org.br/portal/images/stories/pdfs/inafresultados2007.pdf>>, acessado em 25 de agosto de 2009.

³ Ainda que não seja possível julgar a atuação de uma ONG com base em números absolutos, é necessário considerar que, neste caso, a ênfase massiva na divulgação das atividades sociais no Brasil não condiz com o número de atividades efetivamente realizadas.

⁴ Refiro-me aqui aos “três períodos” (para mais detalhes, ver Bornholdt, 2009, p. 212) da história do estabelecimento/crescimento da Soka Gakkai no Brasil.

Referências bibliográficas

BORNHOLDT, Suzana R. C. *Missionary Strategies and Establishment of Soka Gakkai in Brazil*. Tese (Ph.D. in Religious Studies)- Lancaster University, Inglaterra, 2009.

CLARKE, Peter B. Buddhist Humanism and Catholic Culture in Brazil. In: Machacek, D. e Wilson, B. (eds). *Global Citizens: the Soka Gakkai Buddhist Movement in the World*. NY: Oxford University Press, 2000.

DOBBELAERE, Karel. *Soka Gakkai: From Lay Movement to Religion* (Studies in Contemporary Religions). Torino: Editrice Elle Di Ci, 1998.

FOWERAKER, J. *Grassroots Movements and Political Activism in Latin America: A Critical Comparison of Chile and Brazil*. *Journal of Latin American Studies*, Vol. 33, N. 4, 2001, pp. 839-865.

KEOWN, D., PREBISH, C. E. QUEEN, C. *Action Dharma: New Studies in Engaged Buddhism*. Routledge Curzon Critical Studies in Buddhism. Routledge: US, 2003.

LANDIM, Leilah. Brazil. In: Salamon, L. e Anheier, Helmut K (eds). *Defining the nonprofit Sector - a cross-national analysis*. Johns Hopkins Nonprofit Sector Series 4, Manchester University Press: Manchester and New York, 1997.

PEREIRA, Ronan A. *O Budismo Leigo da Soka Gakkai no Brasil: da Revolução Humana à Utopia Mundial*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - IFCH/Unicamp, Campinas, 2001.

QUEEN, Christopher S (org.). *Engaged Buddhism in the West*. Wisdom Publications: US, 2000.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, P. *Religião e Dominação de Classe*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

SEAGER, Richard H. *Encountering the Dharma: Daisaku Ikeda, Soka Gakkai, and the Globalization of Buddhist Humanism*. Berkeley: University of California Press, 2006.

SHOJI, Rafael. *The Nativization of East Asian Buddhism in Brazil*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - University of Hannover, Alemanha, 2004.

TERCEIRA CIVILIZAÇÃO. Especial. Outubro/n.446, p. 12-31. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2005.

TERCEIRA Civilização. Especial. Outubro/n.458, p. 08-21. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2006.